

Deve haver essa sombra  
germinado pelo chão  
para as doze cestas  
de tristeza rente à mão.  
Deve haver essa sombra  
como no início contida  
contra o salitre carco-  
mindo a rota antiga.

Deva haver essa sombra  
(sósia do que é distante)  
para a máscara que me  
coincide a todo instante,  
e esse tropel imenso  
de renúncias nuas de vida:  
choram os olhos e antes de  
mim a ilha impertencida.

Deve haver depois do exílio  
juntos, júbilo e frutos,  
aos vales indo sob o gasto  
mistério indissolutos.  
Dói-me a doce luta  
de um passo sôbre passos,  
desnudez pastoril de quem  
oferece apenas o cansaço.

Como delinear a sombra  
donativa, surda solidão,  
se em tórno a mim pervaga  
pressentida juba de leão?  
e essa órbita de sangue  
em Inconstante perspectiva,  
raiz correndo para o vale  
onde a seiva é tua medida.

Foi sofrendo que eu cheguei  
(na bôca o cheiro das resinas).  
É difícil de contar se por  
obra da estrêla matutina.  
Quarenta dias quarenta  
noites — eis a estrada:  
nas mãos os velhos cestos,  
passo lento para a madrugada.

## CANTO SÉTIMO

Oscar Bertholde